

ANDRÉ MASCARENHAS

# DESMISTIFICANDO O FILOSOFAR

---

BREVE DIALÉTICA  
SOBRE O USO  
COTIDIANO DA  
FILOSOFIA

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2023

Capítulo 1

**Des-descobrimdo  
o Nosso Eu:**

**Quem Sou Eu?**

**(Ou)**

**Quem Sou Eu Neste  
Momento?**



Geralmente atribuída ao filósofo grego Sócrates (479-399 a.C.), a frase “conhece-te a ti mesmo” era a inscrição da entrada do Oráculo de Delfos, local de adoração do deus Apolo, onde se buscava o conhecimento do presente e do futuro.

Para Sócrates, conhecer a si mesmo era o ponto de partida para uma vida plena e equilibrada, a partir da compreensão, com maior profundidade, de nossos desejos, comportamentos, anseios etc., além de nos auxiliar a conhecer o mundo à nossa volta. No decorrer dos séculos, diversos outros filósofos têm abordado a questão do autocohecimento e sua importância para uma vida plena, pauta sempre pertinente independentemente do tempo ou região.

Portanto, a filosofia — assim como a história, a arte, a psicologia etc. — pode ser uma grande aliada na produção de interpretações sobre o “eu”, auxiliando o indivíduo a refletir sobre si mesmo na sua busca pelo autoconhecimento.

*A priori*, pode-se entender o ser humano como um conjunto de pedaços, de partes criadas pelo mundo que o envolve. Somos pedaços de nossas crenças e ceticismos, de nossos pais, parentes e amigos, de nossa sociedade ou nação, raça, etnia etc. Por isso, o processo de autoidentifica-

ção e autoconhecimento requer um exercício de constante e ininterrupta autoanálise.

No decorrer da vida, vamos nos moldando conforme o que vão nos ensinando ou conforme o que estamos aprendendo ou desaprendendo. Nos primeiros anos, em geral, aprendemos a ler o mundo, pelas lentes de nossos pais ou responsáveis que, muitas vezes, refletem a sociedade em que vivem, como se nascêssemos com a mente ou consciência “limpa”, ou, como se fôssemos uma folha em branco, como apontam alguns filósofos e autores, como John Locke. Podemos aprender (ou ser condicionados) a gostar da comida local, da cultura, do clima, do time de futebol local; ou podemos crescer já globalizados ou “internacionalizados” e aprender a gostar (ou ser induzidos a consumir) da cultura característica de outros locais — geralmente mercadologicamente dominantes em relação ao nosso local de convívio. Na adolescência e/ou juventude, nos despimos um pouco dessa primeira visão e procuramos novas referências ou identidades, buscando nos conectar ou fazer parte de determinados grupos ou tribos, nos identificando com determinados tipos de roupa, música, comida, entretenimento etc.

Nesse contexto, passamos a vida tentando cinzelar a nossa identidade, esculpir o nosso eu, ou, passamos a vida tentando esconder o nosso eu, caso não o aceitemos ou não o sintamos aceito pela sociedade em que vivemos. Às vezes, nos vemos tão envoltos por uma camada social de “globalização” ou de influências de outrem, que passamos um bom tempo tentando nos reencontrar, nos desconstruir, nos despir de crenças e preconceitos que nos foram socialmente inculcados durante os anos.

E assim, vamos procurando a nossa verdadeira identidade, conforme preenchemos a folha em branco que um dia fomos e a partir de nossas experiências. Mas afinal, o que seria essa verdadeira identidade? Seria o conjunto de características que nos distinguem ou pelas quais nos identificamos? Pois bem, até que ponto a identidade pode ser um estágio ou característica final e imutável de um ser que está — ou deveria estar — em constante transformação (seja ela externa ou interna)?

Ainda assim, passamos a vida procurando uma forma nos identificar, de nos apresentar. Como você se apresenta? Indicando a sua nacionalidade, idade, sexo (ou gênero ou orientação sexual), sua religião, profissão, estado civil, formação, ocupação, seu hobby? Entretanto, seriam essas características em nós imutavelmente definidas?

Partamos para alguns pontos de exemplo.

## 1.1 Da Nacionalidade

Por exemplo, como se dá a definição de nacionalidade? Perante a lei ou por convenção, a nacionalidade é definida conforme o país de nascimento, ou pela cidadania ou cidadanias que temos. Em alguns países, está ligada ao direito de sangue (*jus sanguinis*), em outros, ao direito de solo (*jus solis*). Mas a nacionalidade também pode estar ligada ao nosso sobrenome, à origem de nossa família ou nossa origem étnica, ao nosso patrimônio, ao nosso matrimônio, aos idiomas que falamos, àquilo com o que nos identificamos etc.

Estando ligada diretamente ao termo nação, a nacionalidade pode ser entendida como um grupo de habitantes da mesma origem étnica, que utilizam um mesmo idioma e possuem costumes relativamente homogêneos (PENA, 2020). Segundo essa definição, não rara entre estudiosos da área, o Brasil, por exemplo, dificilmente seria identificado como uma única nação, principalmente no que tange à origem étnica ou mesmo em relação aos “costumes relativamente homogêneos”.

O próprio e comum termo “latino-americano” seria bastante questionável etnicamente falando ao se referir aos europeus dos países latinos que migraram para as Américas; portanto, seria bastante impreciso em relação aos descendentes de tantos outros grupos ou troncos étnicos presentes na atual população brasileira, assim como de outros países “latino-americanos”.

Já o território ou Estado, se distingue por direitos e legislações que são reconhecidos internacionalmente. No decorrer dos anos e após a difusão do modelo europeu de Estado, muitos grupos que se identificavam como nações constituíram-se como Estados ou Estados-nações. Entretanto, muitos territórios identificados como Estados possuem mais de um grupo étnico ou mais de um grupo que se identifica como nação. A Espanha, por exemplo, possui diferentes idiomas e nações ou troncos étnicos, alguns deles, como os catalães e os bascos, com fortes sentimentos separatistas. Também há casos de nações diferentes que disputam um mesmo território, como Israel e Palestina etc. (PENA, 2020). Portanto, não nos esqueçamos que o conceito de nação ou Estado é um conceito delimitado por e a partir de relações de poder.

É claro que estamos sujeitos a essas relações, mas até que ponto? O Brasil, por exemplo, só está Brasil (e convenhamos, há alguns séculos), e não mais Pindorama (que era como os indígenas o chamavam antes da chegada dos portugueses), por uma questão de invasão permeada por relações de poder.

Se a noção de nacionalidade está ligada também aos costumes de um determinado grupo, até que ponto os nossos gostos são influenciados ou incutidos por esses costumes? Ou, até que ponto esses costumes têm sido tragados ou absorvidos por costumes mais “globalizados” ou internacionalizados ligados às relações de mercado? Até que ponto sua religião, sua comida favorita, seu gosto musical, suas séries e filmes favoritos, sua forma de se vestir etc., foram escolhidos por você ou foram escolhidos (por outrem) para você? E até que ponto essas “escolhas” teriam relação com as “escolhas” de seus compatriotas?

## **1.2 Da Religião**

Ainda em relação aos costumes de um país, nação ou grupo étnico, insere-se a religião, muitas delas cada vez mais ligadas a questões históricas ou de mercado do que a questões propriamente espirituais. Isso porque o que muitas vezes determina a escolha (palavra duvidosa, nesse contexto) majoritária de determinadas religiões nas diferentes regiões do planeta não é uma questão espiritual, mas sim uma questão histórico-político-sócio-cultural. E por que não também uma questão mercadológica?



---

EDITORA  
[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)  
[penaluxeditora@gmail.com](mailto:penaluxeditora@gmail.com)

---

---

### *Livros iluminam*

---

Este livro foi composto em Minion Pro  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em outubro de 2023.

---